

## REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA

Gleiton Silva de Sales

Universidade do Estado da Bahia, [gssales@uneb.br](mailto:gssales@uneb.br)

### Resumo

O trabalho aqui apresentado compõe a dissertação REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO: um estudo de caso no curso de pedagogia do *Campus XIII* (Itaberaba – BA), da Universidade do Estado da Bahia, defendida em 2016, no âmbito do curso de Pós-Graduação Stricto Sensu, em Educação e Contemporaneidade, ofertado pela Universidade do Estado da Bahia. A pesquisa teve como objetivos: levantar as representações de gênero de estudantes de pedagogia em fase de finalização de curso, analisar os percursos formativos desses estudantes no que concerne às relações de gênero, refletir sobre as possíveis ancoragens dadas pelos estudantes na resolução dos conflitos de gênero. Adotou-se a perspectiva qualitativa da pesquisa em educação e ancorou-se nos Estudos Feministas e nos Estudos Culturais. Optamos pelo estudo de caso, com o uso de entrevistas semiestruturadas e a análise documental. Como resultado compreendemos que as representações de gênero dos estudantes apontam uma instabilidade conceitual própria do processo de internalização de novos conhecimentos, isto é, ora trazem representações ancoradas na ciência, ora ancoradas em discursos religiosos, enfim, trazem representações em transição.

**Palavras-chave:** Gênero, Representações de Gênero, Pedagogia.

### Introdução

Recordo-me com muita clareza de algumas situações experienciadas ainda na minha infância, que retratam, de maneira nítida, onde nasce meu interesse por estudar as identidades de gênero. Certa vez, ao caminhar pela rua onde morávamos, minha, em direção a algum lugar agora não lembrado, minha mãe, em tom bravo, se dirigiu a mim dizendo: “**ande direito, ande igual a homem, pare de rebolar**”. Aquilo era o prenúncio de que eu teria muito o que aprender para ser homem.

Outrossim, fazendo um breve memorial, percebi quantas marcas foram deixadas no meu processo de escolarização no que se refere às dinâmicas de gênero. Marcas estas nem sempre positivas. Observei aí o quanto era feito para não me mostrar como diferente para não ser punido. Buscava, então, produzir no espaço escolar, principalmente, ser igual a todos os outros meninos. Aspectos que reconheço hoje como sendo próprios da dominação masculina; tinha que representá-los mesmo que não dominasse ou sequer tivesse no fundo o desejo de tê-los. Sentia como os risos, os silêncios, as falas e até os gritos buscavam “educar-me”.

Tais reminiscências me levaram a pensar sobre a forma como o gênero é construído e nas suas implicações no exercício pleno dos direitos humanos. Notadamente, havia nas relações de gênero uma desigualdade que desembocava em situações de violência física e simbólica.

Assim, passei a buscar um referencial que me possibilitasse uma melhor compreensão do fenômeno. De início, os Estudos Feministas me deram as primeiras noções, sobretudo porque foi neste campo que o gênero passou a ser concebido como categoria de análise histórico/social.

Aliada às questões pessoais, haviam as motivações profissionais. Vale ressaltar, nesse contexto, que desde 2004 atuo como docente nos cursos de formação de professores pela Universidade do Estado da Bahia, principalmente no curso de Pedagogia. Nesse espaço de trabalho verifiquei o quanto as propostas curriculares não discutiam as desigualdades de gênero. Além disso, eram frequentes as queixas dos/das estudantes sobre o despreparo no enfrentamento dos conflitos de gênero que, rotineiramente, ocorrem nas escolas.

A partir do contexto apresentado construí um plano de pesquisa, a partir de 2014, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, ofertado pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Lívia Alessandra Fialho da Costa, que buscava primordialmente levantar as representações que os professores/as professoras em formação inicial, especificamente na fase de finalização do curso<sup>1</sup>, possuíam sobre gênero, quais representações seriam acionadas na resolução dos possíveis conflitos de gênero, como o curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia contribui na formação dessas representações, especificamente o curso em exercício no Campus XIII, em Itaberaba-Ba. Parte dos resultados dessa pesquisa será divulgada aqui neste trabalho.

## **Metodologia**

Como já assinalado, a nossa pesquisa teve como objetivo geral: levantar as representações de gênero de estudantes de pedagogia em fase de finalização do curso, com a intenção de conhecer quais dispositivos eles lançam frente a possíveis conflitos de gênero. Nesse ínterim as questões principais que motivaram este estudo foram: a) Quais são as representações dos estudantes de Pedagogia, do Campus XIII, da Universidade do Estado da Bahia, em fase de finalização de curso

---

<sup>1</sup> Os/as estudantes que participaram da pesquisa frequentavam o sétimo semestre do curso de Pedagogia, opção realizada levando-se em conta que no oitavo semestre tais estudantes ficam responsáveis pela construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o que dificultaria a participação das/os mesmas/os no processo.

sobre gênero?; b) Como eles se colocam frente às desigualdades de gênero?; c) Como são afetados pelo curso, no que diz respeito às representações de gênero?

Para responder a estas questões, alguns objetivos específicos foram lançados, a saber: a) Analisar os percursos formativos dos estudantes de pedagogia, no que concerne aos estudos de gênero; b) Analisar o Projeto Curricular do Curso de Pedagogia do Campus XIII, observando o espaço dado aos estudos sobre gênero; c) Refletir sobre as contribuições do curso na (com)-formação das representações de gênero dos estudantes pesquisados.

O tipo de questão levantada e os objetivos da pesquisa levaram à realização de uma pesquisa qualitativa, que foi se desenhando à medida que os objetivos eram perseguidos durante a produção dos dados. No campo educacional a pesquisa qualitativa toma corpo a partir da década de 1980. Hoje, utilizamos a expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características.

A pesquisa qualitativa abarca diversos tipos de investigação, tal como a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, a pesquisa etnográfica, a pesquisa histórica, a pesquisa ação, a pesquisa participante, o estudo de caso e o estudo de campo, dentre outros. (PESCE; ABREU, 2013, p. 27).

A investigação qualitativa em educação assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos. As estratégias mais representativas desse tipo de investigação são a observação participante e a entrevista. Nela privilegiam, substancialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação e o objetivo do investigador é o de compreender com bastante detalhe o objeto em estudo.

A pesquisa qualitativa abriga, deste modo, uma modulação semântica e atrai uma combinação de tendências que se aglutinaram, genericamente, sob este termo: podem ser designadas pelas teorias que as fundamentam: fenomenológica, construtivista, crítica, etnometodológica, interpretacionista, feminista, pós modernistas. Pode, também, ser designada pelo tipo de pesquisa: etnográfica, participativa, pesquisa ação, história de vida etc. (CHIZZOTTI, 2006, p.30 *apud* PESCE; ABREU, 2013, p. 27).

Dadas essas características, aliadas ao perfil do objeto de estudo, não poderíamos fazer uma outra opção metodológica que não fosse pela pesquisa qualitativa. Nesse sentido, para buscar

compreender os sentidos e significados construídos pelos estudantes de Pedagogia sobre gênero, tivemos que adentrar a proposta teórico-metodológica que concebesse a cultura como território em torno do qual luta-se por representações através de relações desiguais de poder. Para tanto, valemos do estudo de caso, com análise documental e o uso de entrevista semiestruturada com dez estudantes, destes seis eram mulheres e quatro eram homens.

## **Resultados e Discussão**

O conceito de representação que orienta este texto está referenciado nas proposições de Serge Moscovici, que transforma o conceito de representação coletiva cunhado por Émile Durkheim. Moscovici, a partir da sua grande publicação *La psychanalyse, son image et son public (1961)* supera a ideia de que existe uma força maior (social) que determina as relações, as individualidades. Para ele, o sujeito constrói o seu conhecimento interativamente, levando em consideração, inclusive, o poder das instituições, mas não nega aos indivíduos a capacidade de subverter campos de domínio.

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar sua posições em relação às situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem (...) Em outras palavras, a representação social é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade. (SÊGA, 2000, p. 128).

A representação é um tipo de conhecimento que leva em consideração a relação entre indivíduo e sociedade. Ela não é cópia do real, do ideal, nem parte objetiva ou subjetiva do sujeito, ela é o processo onde se estabelece a relação entre o mundo e as coisas.

Ao tratar das entrevistas fizemos uma pergunta direta: o que você entende por gênero? Para essa questão, as repostas produzidas demonstram uma certa restrição ao conceituar gênero. Na tentativa de chegarem a uma resposta, demonstram uma confusão conceitual na terminologia, ora se referem ao sexo, ora se referem à sexualidade para representarem o gênero. Mostram-se, os/as entrevistados/as, embaraçados/as ao ser perguntado/a sobre o que é gênero. Não demonstram segurança ao lançar as suas palavras na direção de uma noção sobre gênero. Veja um dos depoimentos obtidos sobre gênero:

Gênero pra mim é... vamos supor... o, o heterossexual, o, o homossexual, a mulher que... pra mim... vamos supor assim, deixa eu ver como é que eu vou falar (silêncio moderado) o gênero é, é... o eu de cada um. Eu diria mais ou menos isso, o eu de cada um. Cada... o, o... (silêncio curto) como é que fala, meu Deus? Deixa eu ver como é que eu vou falar aqui... O homem, o homem, de certa forma ele possui, ele tem, o homem tem um gênero, a mulher tem outro. Porém, *vixe*, rapaz, pegou... (Abraão).

Ante ao apresentado nas referidas entrevistas podemos sintetizar essas representações no seguinte quadro:

**Quadro 01 – Representações de Gênero**

<b>REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO</b>		
<b>Concepções</b>	<b>Violência de gênero</b>	<b>Papel da educação</b>
a) Diferença sexual b) Demarcação de identidade c) Construção social d) Opção sexual e) O eu de cada um f) Sexualidade	A) Preconceito Discriminação Intolerância  B) Falta: Aceitação do outro Conhecimento Criticidade Liberdade Amor	a) Conscientizar b) Educar para os direitos humanos c) Aprofundar discussões d) Quebrar preconceitos e) Realizar discussões, aprofundar o tema f) Desmistificar modelos biologizantes g) Pensar na igualdade e nas diferenças de gênero h) Capacitar professores

Com algumas poucas exceções, os estudantes carregam noções de gênero bem fixas e amparadas num modelo binário que coloca homens e mulheres diametralmente em pontos opostos. Verifica-se, nas falas, um movimento em direção a noções mais amplas, que fogem do modelo fixo de correspondência sexo-gênero. Percebe-se que há uma instabilidade nas noções apresentadas. Ademais, quando analisamos as entrevistas fazendo um recorte de gênero, percebemos que os

homens trazem uma compreensão ambígua, usando o termo gênero como sinônimo de sexo. Já as mulheres apresentam noções mais relativizadas.

Seguindo no levantamento das representações de gênero, perguntamos num dado momento da pesquisa, aos entrevistados/as se existiam profissões exclusivamente para homens e para mulheres. Apesar de não indicarem profissões exclusivas para homens, e de defender a participação de ambos os gêneros no campo profissional, um entrevistado e uma entrevistada apontaram empregada doméstica como sendo uma atividade reservada às mulheres, além disso, apareceu também a atividade de professor como exclusiva para as mulheres.

Nota-se, portanto, que as representações que povoam o imaginário dos estudantes, mostram-se vinculadas à história de subjugação a que as mulheres sofreram historicamente, assumindo profissões pouco valorizadas socialmente.

Na fala abaixo, um estudante anuncia como as mulheres foram sendo compreendidas historicamente, como já assinalamos, pelo discurso e no discurso.

Eu acredito... não é que *exista* profissões específicas, mas... é...possa ser que a mulher por ser um ser... mais delicado, não mais frágil, mais delicado, ela se sinta não apta em alguns casos, para exercer determinadas profissões. Mas não vejo uma definição assim: isso é pra homem, isso é pra mulher. (Messias).

Quando questionamos sobre o fato das mulheres ainda receberem, na atualidade, remunerações menores que os homens, realizando as mesmas tarefas, o grupo se manifesta fazendo alusão ao machismo, à injustiça, ao preconceito, às diferenças físicas, à capacidade e ao poder.

Reconhecem, assim, que a história da desigualdade de gênero implica nessa situação de hierarquização, onde as mulheres, mesmo ocupando lugares de poder altamente almejados pelos homens, ainda não têm o retorno monetário e social reconhecido. Para isso, assumem os entrevistados, colocam a mulher como o outro do homem, o sujeito da falta, e recorre a ideia da sociedade pautada, construída, pensada pelos homens como fator preponderante no manejo dessa situação de desigualdade. Outrossim, indicam o fato das leis serem produzidas pelos homens como arma essencial à reprodução das desigualdades de gênero. Em suas falas temos:

“Eu acho que é uma... como é que diz a palavra? uma... já está impregnada que homens “é” mais capazes, que são mais capazes de realizar aquela profissão, então é mais valorizada do que as mulheres e por isso os salários são maiores.” (Alma).



Eu acho que é a questão das leis que são mais criadas por homens e quem está no poder hoje é mais os homens, né? (Cosme).

Rapaz, aí é um negócio complicado porque...nesse fato o, o... as mulheres, ela são menos valorizadas que os homens, ela tá *tomando*, vamos supor, ela tá entrando cada dia mais no mercado, porém a valorização eles dão mais aos homens por causa do físico, que o homem tem o poder, a mulher não, entendeu? Então pra mim seria mais ou menos isso. (Abraão).

Eu acredito que seja uma injustiça e um sinal de que ainda existe preconceito com relação é... ao sexo feminino, porque independentemente do gênero, do sexo, o trabalho que ela desempenha não vem a ser menos importante ou menos bem executado pelo fato dela ser mulher, então, eu acho que é um desmerecimento à função que ela desempenha. (Aгна).

Eu acho que a sociedade é uma, acho que até eu to me contradizendo, ela não...ela não conseguiu aceitar ainda totalmente que a mulher, ela tem as mesmas condições de realizar os mesmos trabalhos, já que ela tem as mesmas condições de realizar os mesmos trabalhos que o homem pode realizar, então tem de ser direitos iguais. Se ela pode realizar esse trabalho ela precisa receber o mesmo valor que é dado para esse homem. E a sociedade, acho que ela não percebeu isso. Acho que...com...sei lá...Acho que pensa assim, que a mulher não tem condições, não tem muitas condições de realizar esse trabalho. Sendo assim ela tem que receber menos que o homem. (Rute).

Percebe-se, enfim, que os discursos construídos caminham em direção a uma sociedade mais justa, muito embora, é importante ressaltar, que o exercício de dominação se utilize dessas estratégias para fazer valer a sua continuidade. Onde há poder, há resistência. Ele – o poder - nunca está por acabado, justo que é relação. Então, haverá sempre tensão nesse quadro de disputas. Ocorre, destarte, de se refletir como os discursos são produzidos, onde são produzidos e como são recebidos pela sociedade. O fato de estarmos envolvidos em relações desiguais de poder, implica numa aceitação também desigual dos nossos discursos, daquilo que pronunciamos como verdade.

Nesse contexto, passamos a refletir como homens e mulheres são construídos discursivamente, incluindo aí as suas diferenças.

Sobre essas diferenças, questionamos aos entrevistados o que realmente viria a diferenciar o homem da mulher e, como resposta, chegamos à seguinte situação. A situação que mais aparece está relacionada ao fator biológico, há quem defenda, por exemplo, que inclusive a questão hormonal gera a diferença entre homens e mulheres, assim o físico é tomado como foco para se pensar nas diferenças entre homens e mulheres. Ainda assim, encontramos um estudante que relativiza a questão do físico ao se reportar à atividade de uma fisiculturista. Para ele, até a força

física pode ser relativizada, pondo em xeque o argumento mais utilizado ao se pensar nas atividades que as mulheres podem realizar profissionalmente, como pode ser percebido na citação abaixo.

Eu diria assim... só... no caso porque o homem... pra mim só o corpo mesmo, porque as coisas que o homem tem capacidade de fazer, as mulheres também têm. Por exemplo, se o senhor tirar por base, tem mulher que ela é fisiculturista e ela levanta mais peso que... eu mesmo que sou homem não conseguiria levantar, *tá* entendendo? (Abraão).

Com relação a essa discussão, Louro (1997) destaca que paralelo ao fato da irrefutável diferença biológica, segue a exclamação: E viva a diferença! A autora nos chama a atenção para o fato conformador desse tipo de situação, ele implica numa conformação do *status quo* das relações entre os gêneros. Implica, por fim, numa relação de aceitação das desigualdades de gênero presentes em nossa sociedade.

A diferença, ou melhor, o seu discurso, tem sido alvo de muitos campos de estudos, dentro das ciências humanas e sociais. No entanto, essa proliferação de estudos nos leva a uma ressalva, especialmente porque os setores mais tradicionais e conservadores também o tomam como foco de estudo. Nesse sentido, fazemos alusão ao caráter político e transformador que as teorias críticas, a base dos Estudos Culturais e os Estudos Feministas proporcionaram ao campo. A diferença é sempre um atributo construído socialmente e, por isso, carrega o caráter relacional do campo social.

Em nossa sociedade, devido à hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, tem sido nomeados e nomeadas de *diferentes* aqueles e aquelas que não compartilham desses atributos. A atribuição da diferença é sempre historicamente contingente – ela é dependente de uma situação e de um momento particulares. (LOURO, 1997, p. 50).

Tomaz Tadeu da Silva (1999), ao tratar da diferença, assim como da identidade, vai defender a ideia que não se pode separar questões culturais de questões de poder. Dentro da perspectiva pós-estruturalista, diz o autor, a diferença é um processo linguístico e discursivo, por isso ela não pode ser concebida fora dos processos de significação.

A diferença não é uma característica natural: ela é discursivamente produzida. Além disso, ela é sempre uma relação: não se pode ser “diferente” de forma absoluta; é-se diferente relativamente a alguma outra coisa, considerada precisamente como “não-diferente”. Mas essa “outra coisa” não é nenhum referente absoluto, que exista fora do processo discursivo



de significação: essa “outra coisa”, o “não-diferente”, também só faz sentido, só existe, na “relação de diferença” que a opõe ao “diferente”. (SILVA, 1999, p. 87)

Nessa perspectiva, são as relações de poder que fazem com que atribuamos um valor à diferença, implicando numa qualificação negativa ao diferente em relação ao não-diferente. Reiteradamente as diferenças não devem ser respeitadas e toleradas, o que deve colocar como primordial é como são construídas as diferenças nos processos de relações de poder. O que se quer com isso é afastar-se de uma postura de respeito e tolerância, pautada em perspectivas essencialistas. Outrossim, a diferença deve ser alvo constante de questionamento.

É necessário, neste ponto, refletirmos como são construídas as identidades de gênero. Anunciam, muitos que estudam a sexualidade na atualidade, o fim das políticas e dos estudos identitários. Entretanto, no nosso caso brasileiro, em específico, reconhecemos que as políticas identitárias ainda têm muito a contribuir. Merece destacar, neste momento, que existem polissemias e polifonias dentro dos grupos identitários. Pensá-los como uma estrutura coesa, permite a sua fraqueza e o seu desmoronamento. Percebe-se, também, que no bojo das políticas por equidade verificamos forças neo-conservadoras que buscam destruir o jovem legado construído a partir da década de 1960, do século passado. Em meio à constatação e a exaltação da diversidade, renascem forças destruidoras, por ora resguardada, mas latente ao primeiro sinal de desequilíbrio das políticas que envolvem gênero, etnia, geração, que acabam por ser violentamente atacadas e reduzidas.

O processo identitário envolve referentes que estão dispostos na sociedade, envoltos nas relações de poder. Nesse processo, como afirma Silva (1999) alguns grupos assumem lugares privilegiados de poder. Assumem, dessa maneira, lugar da verdade.

Alguns autores e autoras que se aproximam dos estudos feministas e dos estudos culturais têm concebido a identidade de forma mais ampla como um processo flexível, plural. Stuart Hall (1997, p. 13) critica o conceito de identidade marcadamente fixo, unificado e estável, ao dizer que o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Este mesmo autor observa que tais concepções remetem ao fato de que não exista uma identidade prévia, inata, mas processos identificatórios que vão se construindo ao longo da existência. Tais processos são influenciados pelos diversos atravessamentos que constituem os sujeitos – classe social, raça, etnia, religião, gênero, etc. Por estar sempre em formação, a identidade caracteriza-se pela incompletude.

No entanto, mesmo estando todo o tempo em processo, a tendência é de imaginá-la como “resolvida”, “acabada”, “unitária”.

Esta fantasia em relação à identidade Hall (1997, p. 41) surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida”, a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais imaginamos ser vistos por outros.

As identidades sexuais e de gênero, embora intimamente relacionadas, não são uma só “coisa”. Para Guacira Louro(1997), enquanto a identidade de gênero liga-se à identificação histórica e social dos sujeitos, que se reconhecem como femininos ou masculinos, a identidade sexual está relacionada diretamente à maneira com que os indivíduos experenciam seus desejos corporais, das mais diversas formas. Tanto as identidades de gênero quanto as identidades sexuais podem ser caracterizadas pela instabilidade, sendo, portanto, passíveis de transformação. Desta forma, torna-se temerário estabelecer um momento determinado para que as identidades de gênero e as identidades sexuais sejam “instaladas” ou “assentadas” nos indivíduos (LOURO, 1997). Desde que nascemos, estamos nos constituindo como sujeitos, com múltiplas identidades (de gênero, de raça, religiosas, sexuais etc), embora, muitas vezes, muitos aspectos sejam ignorados, sendo vistos apenas sob a perspectiva essencialista.

É preciso considerar que estas questões têm sido muito pouco discutidas nas escolas, nos cursos de Pedagogia, em especial, e nos cursos de formação de professoras e professores, em geral. Portanto, tendo a educação como um processo cultural de significação definido por relações de poder, cabe ao profissional do ensino, sobretudo, se inteirar dessas discussões acerca das identidades, para que não permaneça nesse processo contínuo de exclusão e dominação. Pensar assim, implica numa nova forma de ver, discursar e, além disso, uma nova postura frente às minorias excluídas.

Vale ressaltar que mesmo utilizando um modelo binário, em que colocamos de forma polarizada homens e mulheres em algumas questões, a nossa intenção primeira era problematizar os papéis atribuídos a homens e mulheres. Com isso buscamos refletir sobre como as ações cotidianas estão fortemente atravessada pelas representações de gênero.

Depreende-se das entrevistas que sujeitos carregam representações diversas e distintas sobre as diferenças/desigualdades de gênero. Podemos sintetizá-las da seguinte forma:

- a) Povoam essas representações a ideia de equilíbrio entre os gêneros;
- b) Apresentam resquício do patriarcado;

- c) Revelam, ainda, discurso pautado no determinismo social quando tomam o gênero como foco;
- d) Aprovam trânsito desigual entre homens e mulheres quando se discute atuação profissional;
- e) Reconhecem um recorte de gênero na produção/asseguramento dos direitos, com predominância masculina;
- f) Apontam a injustiça na reprodução das desigualdades no campo do trabalho;
- g) Indicam que o aspecto físico/biológico justifica diferenças salariais na atuação profissional;
- h) Por último, reconhecem que o espaço doméstico e as atividades que aí ocorrem ainda estão quase que exclusivamente reservados às mulheres.

Portanto, ao analisar como os entrevistados se relacionam com as diferenças/desigualdades de gênero, pode-se refletir sobre as representações que carregam e como assumem as suas identidades nesses aspectos. Nesse processo, é salutar observar como as instituições sociais contribuem para a (com) formação dos gêneros, assim como refletir sobre os percursos formativos dos estudantes na academia e as suas contribuições para a equidade de gênero.

## **Conclusões**

Em síntese, as representações dos estudantes de Pedagogia em fase de finalização de curso indicam imprecisões terminológicas no que concerne aos estudos de gênero, por apresentar referências ligadas a posicionamentos/entendimentos essencialistas do comportamento humano. Apresentam, nesse contexto, problemas conceituais próprios do processo de internalização de novos conhecimentos. Percebe-se, nesse sentido, que os velhos conhecimentos foram desestruturados para abrirem a possibilidade da chegada de novas noções de gênero, de uma nova representação. Destarte, afirmamos que esses estudantes apresentam representações de gênero, pelo exposto, em transição.

Para concluir, o estudo pode favorecer políticas de formação do professor que efetivamente busque a construção de uma sociedade mais justa, sobretudo ao levar em consideração as representações que os estudantes de pedagogia em fase de finalização de curso exprimem em se tratando de gênero. Podemos, nesse sentido, indicar a reformulação curricular do curso, construindo nichos curriculares com aprendizagens em gênero, criando espaço-tempo bem determinados

voltados à discussão e superação das desigualdades de gênero. Percebe-se, também, a necessidade de um olhar mais atento para essas realidades, desfazendo as estratégias de domínio nas relações de gênero, maquiado muitas vezes na invisibilidade e no ocultamento .

## Referências

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, BA, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.

\_\_\_\_\_. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 1.ed. São Paulo:Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Produzindo sujeitos masculinos e cristãos. In: VEIGA-NETO, A. (Org.). **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

\_\_\_\_\_. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, [s.l.], v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5. ed. Trad. P. A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2007.

PESCE, Lucila; ABREU, Claudia Barcelos de Moura. Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, BA, v. 22, n. 40, p. 19-29, jul./dez. 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.